

Presidente pede à base que contenha ambição

FH diz que dará espaço a aliados no segundo governo e cobra união nos próximos dois anos

Cátia Seabra e Mônica Gugliano

● BRASÍLIA. O presidente Fernando Henrique exigiu ontem que os aliados contenham suas ambições e se dediquem a uma agenda positiva para o país. Num café da manhã com os líderes e presidentes de PSDB, PFL e PMDB, Fernando Henrique disse que eles podem ficar tranquilos, porque assim como pretende criar o Ministério da Produção, também garantirá espaço para todos os aliados no segundo governo, que começa em 1º de janeiro.

Presidente admite que será difícil manter aliança por mais de dois anos

O presidente disse que é injustificável que eles deflagrem desde já, logo após a reeleição, uma guerra pelo poder. Ele admitiu que será difícil manter essa aliança por mais de dois anos. Mas cobrou união até lá. A montagem do futuro Ministério, avisou, só acontecerá após a aprovação do ajuste no Congresso. Mas, ontem mesmo, o PSDB começou a discutir uma alternativa a Luiz Carlos Mendonça de Barros para o Ministério da Produção.

— O Brasil está ocupando uma posição tão importante lá fora. Estamos mostrando que conseguiremos contornar a crise. Ocupamos uma posição tão importante no exterior e estamos aqui perdidos em questões menores. Precisamos acabar com esse negativismo. Criar uma cara nova para o Governo e uma agenda positiva — disse o presidente, segundo um dos participantes da reunião.

Apesar de ser da base aliada, o PPB de Paulo Maluf não teve representante no café da manhã de ontem, no Palácio da Alvorada. Abrindo a reunião com um discurso de aproximadamente uma hora, Fernando Henrique reconheceu que

este é o pior momento por que passa, em seus quatro anos de governo. Ele reiterou que lamenta a saída de Mendonça de Barros e de André Lara Resende, ex-presidente do BNDES. Segundo contou o líder do Governo no Congresso, José Roberto Arruda (PSDB-DF), Fernando Henrique voltou a defender a atuação do ex-ministro das Comunicações na privatização do sistema Telebrás. O presidente argumentou que o Governo não poderia permitir que o mercado ditasse os rumos do leilão.

— Se o Governo se comportasse como a sociedade imaginava (sem as in-

tervenções do BNDES), aí, sim, meu governo seria neoliberal — disse o presidente, segundo Arruda.

Sem mencionar os cargos, Fernando Henrique prometeu que não deixará de ouvir os aliados para o segundo mandato. Segundo pefelistas, o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), voltou a ter seu nome cotado para um ministério. Embora o presidente tenha frisado que o ministro da Produção será uma escolha pessoal, o PSDB acredita que ocupará a vaga. Essa crença ficou mais forte após uma conversa de Fernando Henrique com o ministro da Saú-

de, José Serra, porta-voz da insatisfação dos tucanos, segunda-feira à noite.

— O Brasil é presidencialista. Sou eu, o presidente, que nomeio os ministros. Mas vocês sabem que nunca deixei de conversar com os aliados. Vamos ter essa conversa no momento próprio. Mas eu vou criar o Ministério da Produção e não é porque o partido A, B ou C queira. Vou criar porque o Brasil precisa — disse Fernando Henrique.

Para mostrar sua insatisfação com a base, ele comparou a importância do Brasil no exterior — lembrando que conversa frequentemente com o presidente Bill Clinton — com a pequenez das divergências entre os aliados. Mas elogiou a atuação do Congresso.

“A trégua dura até a próxima briga”, afirma Geddel Vieira Lima

Os elogios não foram suficientes para amenizar o mal-estar acumulado há mais de uma semana entre os principais dirigentes dos partidos, que vêm trocando farpas. Apesar do tom mais comedido, os líderes se alfinetaram durante a reunião. Mesmo depois, os peemedebistas continuaram a ironizar o PSDB. Os tucanos criticaram os aliados que exigiram a renúncia de Mendonça de Barros. Pefelistas e peemedebistas disseram que não foram os autores do grampo no telefone do BNDES.

— A trégua dura até a próxima briga — disse o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima.

— O presidente não identificou, em nenhum momento, que os integrantes da base do Governo estejam movidos pela pretensão de aumento do seu espaço político. Eles podem ter conversado sobre diferenças entre eles, mas não tendo como tema a mudança entre ministérios — disse o porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral. ■